

ISSN 1517-4735

K L E O S

REVISTA DE  
FILOSOFIA ANTIGA



v. 16/17 • n. 16/17

RIO DE JANEIRO

JULHO DE 2012 • JULHO DE 2013

PROGRAMA DE ESTUDOS EM FILOSOFIA ANTIGA • INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

*Reitor*

Carlos Antônio Levi da Conceição

*Vice-reitor*

Antônio José Ledo Alves da Cunha

*Pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa*

Débora Fogel

*Diretor do IFCS*

Marco Aurélio Santana

*Chefe do Departamento de Filosofia*

Rafael Haddock-Lobo

*Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Lógica e Metafísica*

Guido Imaguire

*Coordenador do Programa de Estudos em Filosofia Antiga*

Maria das Graças de Moraes Augusto

# K L E O S

REVISTA DE FILOSOFIA ANTIGA

Publicação Anual do Programa de Estudos em Filosofia Antiga do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Indexada ao *L'Année Philologique*

Disponível em <<http://www.pragma.ifs.ufrj.br/>>

*Editor Responsável*

Maria das Graças de Moraes Augusto, UFRJ

*Editor Adjunto*

Alice Bitencourt Haddad, UFRRJ

*Comissão Editorial*

Admar Almeida da Costa, UFRRJ

Alice Bitencourt Haddad, UFRRJ

Carolina de Mello Bomfim Araújo, UFRJ

Markus Figueira da Silva, UFRN

Olimar Flores Júnior, UFMG

*Conselho Editorial*

David Bouvier, Université de Lausanne, Suíça

Donaldo Schüler, UFRGS

Jacyntho José Lins Brandão, UFMG

Jean Frère, Université de Strasbourg, França

Marcelo Pimenta Marques, UFMG

Maria da Graça Franco Ferreira Schalcher, UFRJ

Maria das Graças de Moraes Augusto, UFRJ

Maria de Fátima Sousa e Silva, Universidade de Coimbra, Portugal

María Isabel Santa Cruz, UBA, Argentina

Marie-Laurence Desclos, UPMF-Grenoble, França

Maria Sylvia Carvalho Franco, USP, UNICAMP

Paula da Cunha Corrêa, USP

Paulo Butti de Lima, Università degli Studi di Bari, Itália

Roberto Bolzani, USP

*Revisão*

Alice Bitencourt Haddad, UFRRJ

Maria das Graças de Moraes Augusto, UFRJ

*Design Gráfico*

Paula Ferreira

*Apoio*

FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro

Gráfica da UFRJ

*Endereço para Correspondência*

PRAGMA • Programa de Estudos em Filosofia Antiga

Instituto de Filosofia e Ciências Sociais • Universidade Federal do Rio de Janeiro

Largo de São de Francisco de Paula, 1, sala 307 A • CEP 20051.070 • RJ

Tel: 0055.21.2221.0341, Ramal 316 • Fax: 0055.21.2221.1470 • e-mail: kleos@globo.com

PEDE-SE PERMUTA / WE ASK FOR EXCHANGE



## SUMÁRIO

Apresentação .....	7
O Hades e a <i>pólis</i> : o tema utópico da catábase • <i>Maria de Fátima Silva</i> .....	13
Utopia e gênero na comédia aristofânica • <i>Fábio de Souza Lessa</i> .....	47
<i>Mímsis</i> e utopia na <i>República</i> de Platão • <i>Luisa Severo Buarque de Holanda</i> .....	69
A tragédia na <i>pólis</i> perfeita • <i>Maria do Céu Fialho</i> .....	81
<i>Politeia</i> e utopia: o caso platônico • <i>Maria das Graças de Moraes Augusto</i> .....	103
Narrativa e verdade: uma reflexão sobre a <i>arkhé</i> do gênero utópico • <i>Antonio Carlos Luz Hirsch</i> .....	151
O “mundo possível” da <i>politeia</i> utópica n’O <i>Político</i> de Platão • <i>Carmen Soares</i> ...	173
A narrativa de Crítias, uma “ <i>atopia</i> ” • <i>Alice Bitencourt Haddad</i> .....	199
A cidade sonhada: filosofia, utopia, sonho e adivinhação • <i>Alexandre Schmitt</i> ...	215
O carácter pictórico da cidade ideal: uma análise do passo 19b do <i>Timeu</i> de Platão • <i>Leticia Ouro de Oliveira</i> .....	231
Utopia e política: a <i>Política</i> de Aristóteles • <i>Libanio Cardoso</i> .....	255

### RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

L’illusion Philosophique: la mort de Socrate sur la scène des dialogues platoniciens de <i>M. Stella</i> • <i>Luisa Severo Buarque de Holanda</i> .....	277
---	-----

NORMAS EDITORIAIS .....	289
-------------------------	-----



## APRESENTAÇÃO

Em julho de 2012, *Kléos* – Revista de Filosofia Antiga, publicada pelo PRAGMA da UFRJ, completou 15 anos de existência.

Ao longo desses anos muitos foram os resultados de pesquisa publicados em suas páginas; contributos de diferentes professores, especialistas em Filosofia e Literatura Clássica, nacionais – alguns formados no âmbito do próprio PRAGMA – e internacionais, expressando vínculos de trabalho entre diversos grupos de pesquisa publicizados em Simpósios, Colóquios e Seminários.

Nesse sentido, *Kléos*, lançada em julho de 1997, foi um projeto pioneiro, lastreado em experiência na área de Filosofia Antiga, desenvolvida junto ao Departamento de Filosofia da UFRJ e à Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos; esta última, fundada em julho de 1985, estabeleceu elos entre as diferentes disciplinas e pesquisadores dos Estudos Clássicos e criou *Classica*, a primeira revista desta especialidade no Brasil. A partir destes fundamentos, o país conta hoje com muitas outras publicações, o que expressa a implementação, o desenvolvimento e o amadurecimento de uma área disciplinar.

O volume 16/17 de *Kléos*, comemorando esses 15 anos de trabalho, traz a público um momento muito particular no contexto das diferentes interlocuções instituídas na esfera do PRAGMA: o primeiro encontro acadêmico-científico resultante do Termo Aditivo, assinado em março de 2011, como parte do Convênio de Cooperação Acadêmica e Intercâmbio Técnico, Científico e Cultural entre a Universidade de Coimbra e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, firmado entre o CECH – Centro de

Estudos Clássicos e Humanísticos da UC e o PRAGMA – Programa de Estudos em Filosofia Antiga da UFRJ.

Por sua vez, a Unidade de Investigação e Desenvolvimento (I&D) de Estudos Clássicos e Humanísticos foi criada em Portugal, em janeiro de 1994, e é constituída pelos investigadores do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, integrado desde 1967 no Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Pelas características da própria instituição acadêmica a que pertence, esta Unidade de I&D tem por objetivos fundamentais o estudo das línguas, literaturas e culturas da Antiguidade Greco-Latina, da sua transmissão ao longo da Idade Média, da sua renovação sobretudo na época do Renascimento e da presença do legado clássico na atualidade, diacronia entendida como um dos principais fundamentos da identidade cultural europeia.

Este primeiro encontro internacional em Língua Portuguesa, que mobilizou membros do PRAGMA e do CECH, tendo em conta o histórico das duas instituições, procurou agregar, num tema comum, a Filosofia Antiga com a Literatura Clássica e a sua recepção.

No âmbito dos objetivos gerais previstos nos termos do convênio, vale salientar que, além do trabalho conjunto de análise e tradução para a Língua Portuguesa de textos gregos e latinos antigos, se estruturou ainda um programa de pesquisas perspectivado em duas grandes linhas de ação: valorizar, por um lado, o estudo das relações entre os diferentes discursos surgidos na Antiguidade Clássica, não só na sua diversidade e reciprocidade, mas também no âmbito dos instrumentos e objetos conceituais que lhes são próprios; por outro, desenvolver uma investigação acerca da recepção da Tradição Clássica no Brasil e em Portugal, demarcando elementos comuns e formadores nos dois contextos culturais, e estabelecendo instrumentos de pesquisa que promovam o alargamento das análises e discussões em torno da herança clássica em Língua Portuguesa.

Foi assim que, no período de 3 a 6 de setembro de 2012, se realizou, no IFCS da UFRJ, com o apoio da FAPERJ, da CAPES e do PPGLM da UFRJ, o I *Colóquio* PRAGMA/CECH, dedicado ao tema *Politeia e Utopia no Pensamento Antigo*, reunindo dois aspectos da interlocução discursiva da Grécia clássica: [i] o discurso acerca das constituições políticas, inaugurado pelo célebre debate herodotiano entre os três nobres persas acerca da

“melhor *politeia*”; a par de Heródoto, o mesmo assunto ganha visibilidade na tragédia de Eurípidés e na comédia, de Aristófanes e de outros poetas da *archaia* seus contemporâneos, para reaparecer conformado como gênero na prosa, a partir da *Athenaion Politeia*, do Pseudo-Xenofonte, do *Peri Politeia*, de Protágoras, com relevância na reflexão filosófica, onde a *República* de Platão ocupa um papel central; e, [ii] o atrelamento desses discursos a um gênero que, ao ser chamado de ‘utopia’ por Thomas More, agregou as inquietações políticas e metafísicas que emergiram da recuperação do Mundo Antigo pelo Renascimento, e levou à descoberta do Novo Mundo, pelos portugueses e espanhóis, permitindo o regresso à reflexão filosófica, literária e historiográfica deste gênero através do vital “resíduo da teoria política antiga”<sup>1</sup>.

Esse regresso, que contornará toda a reflexão política medieval e moderna, será, na contemporaneidade, o *locus* de uma grande controvérsia denominada por alguns pensadores do século XX como a “crise política de nosso tempo”, na expressão de Hannah Arendt<sup>2</sup>, ou “a crise do Ocidente”, tal como diagnosticada por Oswald Spengler e analisada por Leo Strauss<sup>3</sup>; é esta crise que vai dar ao tema da “tradição” o estatuto filosófico e fazer dele o grande mote da reflexão filosófica no século XX<sup>4</sup>.

O retorno aos antigos e à sua tradição, dirá Leo Strauss, é um pressuposto necessário para a compreensão do nosso tempo e para a terapia a implementar diante do diagnóstico da “crise do Ocidente”, uma vez que a filosofia política é uma atividade que procura substituir a opinião sobre a natureza das coisas políticas pelo seu conhecimento, e, particularmente, pelo

<sup>1</sup> Cf. JOLY, Henri. *Le renversement platonicien*. 2. éd. corrigée. Paris: Vrin, 1986. p. 326.

<sup>2</sup> Essa crise, assim denominada por H. Arendt, que expressa o descompasso entre a teoria e a ação, é fundamentalmente política e está vinculada à perda da demarcação entre o público e o privado que davam sentido à atividade política no mundo antigo. Cf. ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 128-30 e o capítulo II de *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense, 1983.

<sup>3</sup> Para Strauss, a “crise do Ocidente” foi primeiramente diagnosticada por O. Spengler na obra *A decadência do Ocidente*, e tem sua origem no abandono da filosofia política clássica pela filosofia política moderna. Cf. SPENGLER, Oswald. *A decadência do Ocidente*. Tradução de Herbert Caro. Brasília: UnB, 1982 e STRAUSS, Leo. *The city and man*. Chicago: The Chicago University Press, 1978, p. 1-2.

<sup>4</sup> E aqui não seria inoportuno lembrar o papel fundamental que os clássicos cumprem no pensamento contemporâneo e em suas diferentes versões.

conhecimento da reta ordem política<sup>5</sup>. Portanto, a concepção e a função da tradição, evidenciada na análise de Strauss, nos leva ao reconhecimento de que ela não significa um interesse meramente arqueológico ou acadêmico dos textos clássicos, nem uma interpretação ‘historicista’ visando à compreensão na filosofia política clássica dos reflexos de uma situação histórica ou particular à luz da contemporaneidade; trata-se, sim, de uma “estratégia de pensamento”, de um “desvio histórico” capaz de recuperar a “visão originária” da filosofia política clássica<sup>6</sup>. Se os antigos fundaram a filosofia política a partir de uma experiência original – a construção da *pólis* –, cujos conceitos eram explicáveis nesse mesmo âmbito, a filosofia política contemporânea, ao basear-se nessa tradição, usa conceitos que são tradicionais e secundários à sua própria experiência, donde, dirá ainda Strauss, a necessidade de um “desvio histórico para recuperarmos a verdade política dos antigos”; se com o advento da filosofia política moderna temos o início do declínio da filosofia política, e se por causa dele fomos precipitados na “crise do nosso tempo”, a estratégia natural desse desvio é a retomada da querela entre os “antigos” e os “modernos”: a ruptura com a tradição é, pois, pensada no seio da questão da ‘melhor *politeía*’ que, com o nome de ‘utopia’, marca a diferença entre os antigos e os modernos<sup>7</sup>.

Assim, se admitirmos que a utopia, tomada em seu sentido estrito, descreve a boa ordem coletiva, e, como tal, torna explícitas necessidades relativas às mudanças sociais e políticas, seria legítimo afirmar que ela supõe “alguma compreensão de um sistema simplesmente bom”<sup>8</sup>, e que, portanto, deve ser “possível”, embora tal possibilidade pressuponha condições favoráveis, o que a torna, quase sempre, *improvável*. Será nessa improbabilidade que Leo Strauss marcará a grande distinção entre a reflexão antiga e a reflexão moderna: os antigos, não acreditando em uma “felicidade universal”, dada

---

<sup>5</sup> Cf. STRAUSS, Leo. *What is political philosophy?* Glencoe: Free Press, 1959, p. 56-59.

<sup>6</sup> Cf. STRAUSS, Leo. *Droit naturel et histoire*. Traduit par M. Nathan. Paris: Flammarion, 1986, p. 15-81; \_\_\_\_\_, Political philosophy and the crises of our time. In: GRAHAM, George; CAREY, G. W. (Eds.). *The post-behavioral era*. New York: David McKay, 1972, p. 242, e STRAUSS, 1978, p. 8-9.

<sup>7</sup> Cf. STRAUSS, 1959, p. 68-69 e STRAUSS, 1978, p. 10 e p. 313.

<sup>8</sup> Sob esse aspecto das relações entre política e utopia, cf. STRAUSS, Leo. *De la tyrannie. Hiéron ou le Traité sur la tyrannie*. Traduit de l'anglais par Hélène Kern. Paris: Gallimard, 1983, p. 300.

a “fraqueza e a dependência da natureza humana”, viam com os olhos da alma uma comunidade onde a felicidade maior seria aquela “possível à natureza humana”. A essa comunidade deram o nome de a “melhor *politeía*”, e porque compreendiam o quanto a *dýnamis* humana era limitada, afirmaram que a sua realização dependia da sorte ou do acaso<sup>9</sup>. Os modernos, por seu lado, descontentes com as utopias, que lhes mereceram desprezo, tentaram encontrar uma garantia para a realização da melhor ordem social e, para isto, tiveram de “rebaixar o ideal do homem”. A solução clássica é utópica no sentido de que sua realização é “improvável”; a solução moderna é utópica no sentido de que sua realização é impossível: “a solução clássica nos dá uma regra estável com a qual podemos julgar toda ordem real; a solução moderna destroi eventualmente a própria ideia de uma regra independente das situações reais”<sup>10</sup>.

Vista sob essa ótica, a importância do tema de nosso colóquio pode ser medida não apenas por sua função específica na conformação do pensamento antigo, mas, também, por sua presença marcante na reflexão contemporânea, sublinhando os elos estreitos entre a tradição discursiva ocidental e a interlocução dos gêneros na Antiguidade Clássica; daí resulta claro o seu valor interdisciplinar em um escopo reflexivo com necessidades específicas, próprias ao contexto dos Estudos Clássicos, que mescla as exigências do conhecimento filológico com o rigor da reflexão filosófica, da crítica literária e da construção historiográfica. Em consequência, os textos que ora trazemos a público, apresentados e discutidos ao longo de quatro dias de setembro, em 2012, quando o PRAGMA e o CECH estiveram reunidos no Rio de Janeiro, procuram explicitar toda essa duplicidade temática das relações entre a *politeía* e *utopia*.

Desse modo, eles aparecem em uma sequência que busca evidenciar tanto a dialógica dos gêneros no pensamento antigo, quanto sua presença na tradição intelectual ocidental: a comédia antiga será revisitada através do tema da catábasis, compreendido, também, como variante utópica, nos *Demos*, de Êupolis, e nas *Rãs*, de Aristófanes; e em suas articulações

<sup>9</sup> Cf. STRAUSS, 1983, p. 340. Aqui é interessante comparar o texto de Strauss com a narrativa platônica na *Sétima Carta*, acerca dos eventos em Siracusa. Cf. em especial os passos 326e, 327e-328c e 328d-329b.

<sup>10</sup> Cf. STRAUSS, 1983, p. 341.

socioculturais trazendo à tona as relações de gênero no contexto dito utópico em *Lisístrata* e *Mulheres na Assembleia*, bem como, no ambiente histórico nelas contido; a filosofia política de Aristóteles, relida através da *Política*, compreendida como o texto fundador da política ocidental, voltar-se-á para a antiga contraposição entre ele e a ‘utopia’ platônica expressa na *República* e ali tão severamente criticada por Aristóteles.

Por sua vez, a dialógica platônica, objeto de reflexão de oito dos textos ora publicados, abarcará não só vários diálogos – a *República*, o *Político*, o *Cármides*, o *Crítias* e o *Timeu* – mas, também, a confluência temática ‘*politeia e utopia*’ a partir de diferentes temas platônicos: a *mimesis*, a justiça e o justo, a ideias, as modalidades narrativas, as relações entre o filósofo e o adivinho, o tema da *analogia* estudada em seu valor “pictórico” e a presença marcante dos diálogos platônicos na tradição da filosofia política ocidental e em seus desdobramentos a partir do século XVI.

Nesse número, dado ao fato de publicarmos os trabalhos do I Colóquio PRAGMA-CECH, optamos por não editar a seção Arquivo, conjugando nas Recensões Bibliográficas, o livro de Massimo Stella, *L’illusion philosophique: la mort de Socrate sur la scène des dialogues platoniciens*, resenhado por Luisa Severo Buarque de Hollanda e que, também, volta-se para questões específicas da dialógica platônica, objeto de pesquisa do acordo PRAGMA/CECH.

Por fim, faz-se necessário um agradecimento público à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, FAPERJ; à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio financeiro que tornou possível a realização do I Colóquio PRAGMA/CECH, e à Gráfica da UFRJ e seus funcionários, em especial à sua Diretora, Carla Aldrin, aos funcionários Agnaldo, Almir e Marta, e também ao Hélio do Hospital Universitário, que, com solicitude e elegância possibilitaram a superação das muitas dificuldades surgidas ao longo do trabalho de impressão de *Kléos*, contribuindo, assim, para a edição de mais um número de nossa revista.

Maria de Fátima Sousa e Silva  
Maria das Graças de Moraes Augusto